

Teoria Educacional e Filosofia à luz da abordagem hermenêutico-fenomenológica de Otto Friedrich Bollnow

Educational Theory and Philosophy in light from
hermeneutic-phenomenological approach
by Otto Friedrich Bollnow

Prof. Ms. Ezir George Silva¹
Prof. Dr. Ferdinand Röhr²

Resumo

O homem é o único ser capaz de compreender e apreender os aspectos, elementos, situações e acontecimentos pertinentes à sua existência. Essas habilidades fazem do homem alguém que, existindo no mundo e para o mundo, não pode jamais assumir uma postura de indiferença e neutralidade. É movido por esta busca da não indiferença que pretendemos analisar a contribuição da abordagem hermenêutico-fenomenológica de Otto Friedrich Bollnow para o pensar e o fazer pedagógico do ensino de Filosofia. Nesse sentido, desejamos tratar sobre a continuidade e descontinuidade da formação humana a partir de sua abordagem diante dos fenômenos humanos e pedagógicos, buscando mostrar como as formas e processos instáveis e descontínuos de educação podem iluminar/ampliar o ensino de Filosofia e a formação do homem, face a sua condição de sujeito inacabado. O trabalho procura problematizar as concepções mecânica artesanal e orgânica da educação e seu eventual impacto sobre os modos do homem conceber sua existência, formação e relação no e com o mundo no âmbito da comunidade humana. Por fim, o texto pretende identificar as implicações do pensamento pedagógico de Bollnow para a vivência do ensino de Filosofia, no contexto de uma cultura globalizada e democrática.

Palavras-chave: Teoria Educacional, Filosofia, Formação.

¹ Coordenador Pedagógico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA, onde é professor nos Cursos de Pós-Graduação e Licenciatura Plena em História e Pedagogia. Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: ezo.silva@hotmail.com

² Doutor em Pedagogia - RWTHA Aachen University (1985). Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: ferdinan@elogica.com.br

Abstract

The human is the only one who is able to understand knows the aspects, elements, situations and events relevant to their live. These skills make the human someone who exists in the world and for the world he can never assume a posture of neutrality and in difference. It is moved by this search of no indifference that intends to analyze the contribution of the hermeneutic-phenomenological approach by Otto Friedrich Bollnow for thinking and pedagogical act of teaching philosophy. In this we, we want to tella bout continuity and discontinuity of human formation from it approach in human phenomem and pedagogical to show how the unstable and discontinuous processes of education can increase the teaching of philosophy and the human formation, face it unfinished man. The search wants to understand the conception of mechanic, handmade and organic al education and its possible impact on the human's ways to conceive their existence, formation and relation within world in the human community. Finally, the text intends to identify the implications of pedagogical thinking of Bollnow for the experience of Philosophy in the context of a globalized and democratic culture.

Keywords: Educational Theory, Philosophy, Formation.

Introdução

Otto Friedrich Bollnow nasceu em 14 de março de 1903, em Stettin, e faleceu em 07 de fevereiro de 1991 em Tübingen, na Alemanha. Cursou o primário em Anklam e graduou-se em Matemática e Física na Universidade de Göttingen. Filho do professor Otto Bollnow (1877 - 1959), seguiu a mesma carreira do pai, começando a lecionar na Escola da Reforma Educacional de Oldenwaldschule aonde viria, tempos depois, tomar a decisão de recorrer à Filosofia e à Pedagogia, na intenção de aprofundar sua prática. Em 1925, doutorou-se em Física, com uma tese sobre a *Teoria da Estrutura dos Cristais*, sob orientação de Marx Born, que ganhou o Prêmio Nobel de Física em 1954 por seu trabalho sobre a Teoria Quântica. Durante os anos de 1927 a 1929, retomou seu trabalho sobre *A Filosofia de F. H. Jacobis*, vindo a receber, anos depois, em 1931, a habilitação para ensinar na Universidade de Göttingen que ficava no sul do estado da Baixa Saxônia, onde permaneceu durante sete anos.

Em virtude da tomada do poder por parte do Partido Nazista e da conseqüente mudança da democracia para a ditadura (1933-1945), Bollnow teve que deixar em 1935 a Universidade, só voltando a ensinar no ano de 1938, como professor adjunto de Psicologia e Educação na Universidade de Giessen onde foi nomeado, em 1939, Professor Cate-drático.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial (1945), Bollnow ensinou de 1946 a 1953 na Universidade de Johannes Gutenberg, na cidade de Mainz, capital e maior cidade da Alemanha, do Estado de Renânia-Palatinado. A partir de 1953, ele assumiu o lugar de Eduard Spranger, passando a ocupar as cadeiras de Filosofia e de Pedagogia, em Tübingen, onde lecionou até a sua aposentadoria, em 1970. Desde 1958, manteve intenso intercâmbio científico e acadêmico com o Japão, a Coréia e a cultura oriental. No ano de 1975, recebeu o título de Doutor Honorário em Estrasburgo, além do Prêmio Lessing – uma homenagem cultural e literária – que lhe foi concedido pela Maçonaria Alemã.

Bollnow foi um escritor fecundo. Ao longo de sua trajetória acadêmica, escreveu cerca de trinta oito (38) obras e mais de quatro-centos (400) artigos³ e resenhas sobre Educação e Filosofia. Entre suas principais produções estão: *A Filosofia de F. H. Jacobis* (1933); *Dilthey: uma introdução a sua filosofia* (1936); *Filosofia Existencial* (1946); *A Compreensão: ensaios sobre a teoria das ciências humanas* (1949); *Nova Segurança: o problema da superação do existencialismo* (1955); *A objetividade das Ciências Humanas e da Essência da Verdade* (1956); *A Filosofia de Vida* (1958); *O Homem e o Espaço* (1958); *Natureza e Mudança das Virtudes* (1958); *Pedagogia e Filosofia da Existência* (1958); *Essência e os Caminhos das Virtudes* (1959); *Filosofia da Esperança* (1962); *O Ambiente Educacional* (1964); *O Existencialismo Francês* (1965); *Abordagem Antropológica em Pedagogia* (1965); *Linguagem e Educação* (1966); *Introdução à Filosofia do Conhecimento* (1970); *Estudos Sobre Hermenêutica I e II* (1982-1983); *Entre Filosofia e Educação: aulas teóricas e ensaios* (1988), entre outros.

³ Boa parte destes artigos está disponível no site: <http://www.otto-friedrich-bollnow.de/index.html>.

Otto Friedrich Bollnow foi um pensador influente das Ciências Humanas, na Alemanha. Como físico, pedagogo e filósofo, sua produção coloca-se como uma importante contribuição para os campos da Arquitetura, da Fenomenologia, da Hermenêutica, da Ecologia, da Filosofia e da Educação. Sua investigação filosófica caracteriza-se por uma abordagem hermenêutico-fenomenológica que busca encontrar, na existência e nas potencialidades humanas, seu principal objeto de análise, visando a contribuir para a fundamentação de um pensamento pedagógico voltado para o homem em sua integralidade e concretude.

O pensamento pedagógico de Otto Friedrich Bollnow chegou ao Brasil na década de 1970 através da tradução da obra *“Pedagogia e Filosofia da Existência”* (1971), uma época em que o país atravessava um dos momentos mais sombrios e decadentes de toda sua História. Em virtude das tensões que marcaram o processo de ditadura político-militar no Brasil (1964-1985), as tendências marxista e gramsciana passaram a exercer hegemonia no campo educacional. As teses de que *“a educação se constitui num ato político”* (SAVIANI, 2008, p. 65) e que a escola não pode funcionar como um aparelho reprodutor das estruturas opressoras do Estado (BOURDIEU; PASSERON, 2008), acabaram dominando o ideário pedagógico brasileiro e contribuindo para o arrefecimento do interesse por outras temáticas e perspectivas humanas que pudessem ajudar a iluminar o saber e o fazer educacional.

Diante desse cenário, Dermeval Saviani relaciona as contribuições de Bollnow às nuances pedagógicas denominadas de *“concepção humanista moderna de filosofia da educação”* (SAVIANI, 2008, p. 49). Esta categorização é fruto da compreensão histórica de um determinado momento, quando se acreditou que a divisão e/ou tensão entre a *Pedagogia Tradicional* e a *Pedagogia Nova* acabava dissolvendo a especificidade da contribuição pedagógica, como um dos caminhos viabilizadores do processo de redemocratização do país e a superação de suas desigualdades sociais (*Idem*, 2005).

É diante dessa configuração histórico-contextual e do reconhecimento do influxo que exerceram sobre a maneira de pensar e fazer a educação no Brasil, que pretendemos explicitar as bases sobre as

quais se assenta o pensamento pedagógico de Otto Friedrich Bollnow. Nossa intenção é demonstrar como sua análise pedagógica pode contribuir para o alastramento das concepções educacionais que pretendem a educação e a formação do Ser, no âmbito de uma sociedade marcada pelo primado do político sobre a educação e da reprodução de saberes sobre o desvelamento do que é o homem e suas possibilidades.

Articulação entre Teoria Educacional e Filosofia à Luz da Abordagem Hermenêutico-fenomenológica de Otto Friedrich Bollnow

A produção do conhecimento através da História é o resultado da ação, com sentido, dos homens que, ao longo de suas existências, se transformam em sujeitos capazes de refletir, desvelar, ressignificar e socializar os saberes que são produzidos através da sua relação com os outros e o mundo a que pertencem. É movido pela consciência de que o homem é por natureza um ser de relação – alguém que interpela e interage com tudo aquilo que acontece nele e à sua volta - que Otto Friedrich Bollnow pretende discutir a natureza e os desdobramentos do desenvolvimento da Filosofia da Existência (1971) e da Filosofia da Esperança (1962) para a Pedagogia. Seu objetivo é analisar, com base nessas linhas de pensamento, a maneira como as transformações culturais, políticas, sociais e educacionais afetaram o modo de se pensar o homem e a sua formação.

A obra *Pedagogia e Filosofia da Existência* (1971) foi escrita na década de 1950, um período de pós-guerra, marcado pelo arrefecimento do “*entusiasmo pedagógico*” que norteou a prática educacional nos anos que intermediaram e sucederam a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Esse enfraquecimento do vigor pedagógico foi resultado de uma desconstrução “*de uma vigorosa fé nas boas forças latentes no homem*” (p.11), um período de decepção geral que tirou dos educadores a imagem otimista do homem, tão própria da década de 1920. Essa transformação da imagem do homem foi seguida por uma ação pedagógica *repressora* que tinha como objetivo libertá-lo das más *energias* e desvios sociais.

Ao menos em princípio, como possibilidade, era, pois, necessário reconhecer no homem uma realidade fundamentalmente demoníaca e má. E uma vez que ela se desencadeara numa tão terrível proporção, fazia-se iminente a necessidade de primeiro pôr diques a essas energias nefastas, de contê-las de fora. Assim, o princípio ditado pela concepção das boas energias inatas no homem, que só deveriam ser canalizadas, foi substituído pelo princípio da repressão externa (*Ibidem*, 1971, p.18).

Foi a partir dessa nova realidade sócioeducacional que surgiu a ênfase em torno da necessidade de se resgatar os “*velhos modelos*,” a fim de tornar possível o trato dessa nova visão problematizadora do homem. O desafio não era apenas resgatar o elã pedagógico, mas ressignificar a concepção fechada do ser homem. Diante dessa nova realidade, Bollnow propõe analisar os elementos da Filosofia da Existência e da Filosofia da Esperança, considerando seus eventuais desdobramentos para a prática pedagógica. Entendemos, assim, que é mobilizado por esse interesse que o autor deseja mostrar a função e os limites da Filosofia da Existência, almejando apresentar a contribuição da Filosofia da Esperança para a Pedagogia e a “*compreensão da vida humana em si mesma, na sua imanência com exclusão de todas as representações e juízos que a transcendem – o principal fim que a filosofia tem em vista -*” (BOLLNOW, 1946, p.2), visando a examinar os processos instáveis e descontínuos do ser e da ação pedagógica, ocorridos dentro do processo educacional.

A perspectiva de análise de Bollnow tem como principal objetivo mostrar de que maneira as temáticas discutidas em torno dos processos estáveis e instáveis da vida humana, contribuíram para a relação entre Filosofia Existencial e Pedagogia, pretendendo não apenas superar a *dicotomia e a alienação* que as separava, como apresentar os novos enfoques propostos pela Filosofia da Esperança. Desse modo, cabe-nos perguntar: de que maneira a Filosofia da Existência pode dialogar com a pluralidade dos fenômenos humanos e pedagógicos? Segundo o teórico, a Filosofia da Existência traz para o campo da discussão temas como: a angústia, o medo, o nada, o tédio, a melancolia, o desespero e

a morte, colocando-os como ponto de partida para a efetivação do seu encontro e debate com a educação.

Nesse sentido, a tarefa da Filosofia, no pensamento de Bollnow, é lançar luz sobre a existência humana em face de sua continuidade e descontinuidade, é levar o homem a refletir sobre si mesmo, entendendo que existência esclarecida é existência em liberdade e transcendência.

Concepções mecânico artesanal e orgânica da educação

Para fundamentar a proposição de que a reforma pedagógica do seu tempo tinha se transformado num resgate de velhas ideias acerca da essência do processo educativo, Bollnow (1971) procura descrever a natureza da proposta formativa das concepções mecânico-artesanal e orgânica da educação⁴.

A concepção “mecânico-artesanal” é assim chamada em virtude do caráter técnico e objetivista que envolve a educação e a formação do sujeito. Nela, o professor segue, à semelhança de um artífice, a partir de um material já dado, a construção de um modelo previamente determinado. Assim, o artesão produz a sua obra através da aplicação de seus instrumentos e realização dos procedimentos e métodos apropriados que foram escolhidos para tal fim, esperando alcançar, desse modo, o resultado por ele almejado.

Como artesão, o professor também atua como o que produz o *Educar*. Por ser reconhecido como o principal agente do processo formativo, elabora o plano de ensino, seleciona o material, detém as habilidades e projeta a imagem do homem que deseja formar, como se fosse um escultor que esculpe na madeira, no mármore ou no barro sua particular visão da vida e da própria realidade. Nesse caso, conforme Bollnow;

[...] educar é produzir, caso assinalarmos com o termo produzir aquele tipo de atividade, dirigida a

⁴ “Vistas sob o prisma da História do Pensamento Ocidental a primeira nasceu, principalmente, do Iluminismo; a segunda, do Romantismo” (BOLLNOW, 1971, p. 25).

um fim, cujo efeito depende unicamente da vontade do homem. Disso resulta a dupla conexão, à qual tradicionalmente a educação está vinculada. A ética fornece as metas finais, isto é, o produto a ser criado nesse trabalho chamado educação. A psicologia, por sua vez, o conhecimento necessário do material (BOLLNOW, 1971, p. 24).

Esse “*produzir*”, de acordo com o ideal proposto, seria o resultado de uma ação externa, um ato de forjar o outro através da manipulação dos conteúdos e mecanismos dos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem. Educar, nesse caso, significa “moldar” o discente, através de uma atividade de produção, à imagem e concepção de homem do próprio educador.

A analogia do artífice, usada por Bollnow, pretende esclarecer que a concepção mecânico-artesanal da educação mostra-se pretensiosa⁵, quando propõe a formação do homem, de acordo com uma determinada imagem e meta pedagógica. E, ainda, revela-se limitada em perceber que o princípio da continuidade, que aponta para um progresso que se dá ano após ano e passo a passo rumo a um esplêndido acabamento, mostra-se irrealizável e impossível de ser concretizado, devido à condição subjetiva, não moldável e inacabada do ser humano.

O “para-além” do ser não pode ser pré-visto ou pensado como uma construção objetiva do já dado e acabado. O homem não pode, à semelhança do artesão, imaginar fabricar sua existência, como se produz um boneco de cera ou uma imagem de barro. Sua projeção não pode ser exata, a ponto de considerarmos que ele será um objeto pensado e manipulado pelo outro. O ser não pode deixar-se coisificar, pois isto implicaria considerar finito seu ser, que é infinito, e comprometeria o dinamismo de sua própria existência. O homem não pode ser definido como se define um objeto que se pretende fabricar, porque ele

⁵ De acordo com E. M. Arndt “Formar, uma palavra magnífica – fazer uma imagem. Seria divino, se o conseguíssemos por meio de artifício, se pudéssemos progredir passo a passo, de ano após ano, como faz o artista, ao trabalhar o bloco de mármore, até que a obra esteja ali na sua frente no seu esplêndido acabamento” Mais ainda, “tal processo é, conforme Arndt, algo irrealizável” (*apud* BOLLNOW, 1971, p. 25).

pode transcender-se. Enquanto protagonista ontológico, ele poderá ser muito mais do que tem sido e fazer germinar o que haverá de ser diante do desvelamento de suas possibilidades.

Portanto, o que se propõe, na concepção mecânica, não é uma educação para a *imensidão*, mas para o reducionismo; uma formação que pretende fazer do ser um objeto para si/discente ou um conteúdo objetivo para o outro/docente, uma educação que absolutiza o suposto da substância contínua a ser desenvolvida no homem (QUADROS, 1981). Nessa concepção mecânica, observa-se um processo de modelagem educativa que restringe o devir humano ao dever-ser de um ato pedagógico-artesanal, pelo qual se crê que o máximo da essência do educando poderá ser levado a existir, a partir de um dado imediato ou de uma meta pedagógica definida, sem levar em conta as especificidades e/ou subjetividades de cada educando.

A concepção mecânico-artesanal limita a educação a um ato definidor da imagem do humano, e a uma visão comum e popular da educação, que reduz a formação do ser a quaisquer categorias abstratas, de acordo com receitas prontas ou fórmulas mágicas, que condicionam não só a visão que o homem tem de si mesmo, como esgotam as possibilidades do próprio processo educacional.

Enquanto a concepção mecânico-artesanal parte do princípio de que é a partir da matéria que se deve avançar para formar o homem, a concepção orgânica compreende que esta ação não deve acontecer de fora para dentro, mas do interior para o exterior. Para essa concepção, a educação acontece como um crescimento orgânico onde a matéria é “moldada” pela energia e substância contidas na própria condição humana.

Na base teórica da concepção orgânica encontram-se as contribuições de Jean-Jaques Rousseau (1999). Com ele, o cultivo do sentimento, através da relação do educando com a natureza, passa a ser visto como fator fundamental para a vida individual. Na obra *“Emílio ou da Educação”* (ROUSSEAU, 2004), ele descreve seu projeto educacional, considerando que o homem precisa ser educado à semelhança de uma planta sobre a qual o jardineiro age, a fim de livrá-la das ameaças

externas, que estão presentes no contexto da sociedade. Para o teórico,

Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, a estrutura e a força ser-lhe-iam inúteis até que tivesse aprendido a servir-se delas. Ser-lhe-iam prejudiciais, pois impediriam que outros pensassem em socorrê-lo, e, entregue a si mesmo morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Queixamo-nos da condição infantil e não vemos que a raça humana teria padecido se o homem não tivesse começado por ser criança. Nasce-mos fracos, precisamos de força, nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação (*Ibidem*, p. 9).

Para a concepção orgânica, o desenvolvimento do educando caracteriza-se pela ênfase que é dada à essência do homem. Sua natureza pedagógica consiste na valorização das potencialidades inatas da própria natureza humana que, em si, são suficientes para garantir seu desenvolvimento livre, a partir de seu núcleo interior. Dessa forma, o papel da educação é contribuir para que a verdadeira essência do educando não se corrompa, mas cresça e frutifique através de uma existência já dada e concluída. De acordo com Bollnow, na concepção orgânica da educação,

[...] o homem se desenvolve a partir do seu interior segundo a sua própria lei, para atingir o fim colocado nele mesmo. “*Formação*” é agora na sua nova significação, desde então dominante, o resultado desse crescimento “*orgânico*”. Isto condiciona o aparecimento do conceito totalmente diferente, diria negativo, da educação. A educação é uma arte de cultivar e de deixar-crescer, arte de não – estorvar esse processo natural (BOLLNOW, 1971, p.25).

Podemos compreender que essa perspectiva aponta para um progresso interior e espontâneo, próprio de um crescimento natural-*-inatista*. Assim como a meta do crescimento de uma planta já se encontra na semente, do mesmo modo, a essência do homem é que deve determinar sua existência. Para essas concepções, as metáforas do professor, como oleiro e jardineiro, revelam a natureza essencialista do próprio atuar pedagógico. Uma prática, onde o educador identifica uma causa eficiente e uma causa instrumental, conforme a imagem e concepção que tem do aluno.

Descrevendo as metáforas do jardineiro e do artesão/ferreiro, Celestin Freinet (1988) explora suas possibilidades, buscando destacar o modo como cada um atua para cultivar ou forjar o educando. Falando sobre as leis da vida e o modo como o educando é formado ele diz:

[...] poderíamos escrever um livro sobre a universidade das leis da vida, quer se trate de plantas, de animais ou de homens. Falaria das semelhanças das preocupações do jardineiro, do criador e do educador. E o bom jardineiro, que obtém resultados tão bons com suas próprias vergôntes, e o criador tão compreensivo com seus animais, seriam então os primeiros a exigir, para a sua própria semente, essa atenção minuciosa, esse clima, essa calorosa doçura, esse ar e esse sol sem os quais não se criam vergôntes nodosas que cresçam fortes para frutificar segundo a própria natureza e o próprio destino [...] O nosso papel e a nossa função, nesse grau primário que condiciona as construções posteriores, serão justamente agir, verificar, comparar, experimentar, ajustar. Experimentar e ajustar não só materiais brutos ou peças mais ou menos trabalhadas, mas elementos de criação e de vida. Todavia para forjar o ferreiro precisa, não só da saliva e da lógica abstrata, mas de uma bigorna, martelos, tenazes e fogo. E tem de saber manejá-los, o que é tão delicado como manejar princípios e hipóteses. Se, naquela bifurcação, quisermos substituir a Escola da verbosidade pela Escola do trabalho, quisermos aprender a forjar forjando, te-

mos de procurar, criar e fabricar os instrumentos de trabalho à medida das nossas necessidades e das nossas possibilidades; temos de aprender ou reaprender a nos servir deles, nas múltiplas incidências das vidas que nos confiam. Não devemos esquecer o grande calor e a iluminação do fogo a ser mantido e ativado, porque torna maleável todo metal e dá aos objetos a forma eminente modelada pelo homem (*Ibidem*, p. 87-89).

O professor visto como artesão, artista plástico ou oleiro é aquele que a partir de uma matéria (o/a discente) inerte (passivo/a), e de acordo com seu projeto prévio (plano de aula), molda, com base em suas concepções, a imagem firme e estável de um homem ideal e virtuoso. Como jardineiro, o professor entende que o desenvolvimento do aluno acontece de modo espontâneo e que sua tarefa deve limitar-se a uma forma de atuar, que esteja voltada para o conhecimento da natureza da planta (do humano). Seu papel não é ensinar, mas apenas procurar proteger e possibilitar as situações necessárias para que cada semente (discente) se desenvolva segundo suas propriedades, através da busca constante da preservação das condições ideais de crescimento de suas próprias leis internas.

De acordo com as metáforas acima descritas, o sentido da ação de *educar* constitui-se na busca da verdadeira essência do homem, num agir que pretende conduzir o sujeito a voltar-se para si mesmo “entendendo o retorno à pureza da consciência natural como dever fundamental de todo homem” (ROUSSEAU, 2004, p. 14). Dessa maneira, a educação “deve, tal como proclama a pedagogia da essência [...] dar a sua contribuição de modo que a verdadeira essência humana possa assenhorear-se dos homens concretos” (SUCHODOLSKI, 2002, p. 25).

As ideias de homem e de educação, encontradas nessas duas correntes pedagógicas, passam a guiar a ação docente, conforme o ideal de perfeição humana a qual aspiram, dando a entender que elas representam as únicas posições fundamentais da Pedagogia.

Para as concepções *mecânico artesanal e orgânica* da educação, o homem é concebido dentro de um processo de aperfeiçoamento contí-

nuo, gradativo e ininterrupto. Uma formação⁶ que se orienta através da manipulação do material e da apreensão de um determinado sistema de valores que se constitui na expressão fundamental do desenvolvimento humano.

Apesar desses dois modelos de formação caracterizarem uma hegemonia no campo pedagógico, é importante considerar que a *continuidade*, o esteio essencial dessas concepções de educação, perde, na Filosofia Existencial, a base do apoio, o fundamento. No cerne de sua natureza antropológica, essa Filosofia nega a ideia de que há no homem uma essência que se forma artesanal ou organicamente através de uma progressão de contínua realização.

A possibilidade de formas descontínuas na educação

A Pedagogia Clássica caracteriza-se, com base no conceito fundamental da formabilidade⁷, pela pressuposição da estabilidade de uma educação que acontece de modo contínuo e linear. É a premissa de um desenvolvimento humano paulatino da vida e da educação, que é problematizada pela Filosofia Existencial, à medida que questiona se esta é, realmente, a tendência necessária de todo e qualquer processo formativo.

O conflito entre a Continuidade essencial e a Descontinuidade existencial da formação do homem é o motivo pelo qual a Pedagogia e a Filosofia da Existência não puderam, inicialmente, estabelecer um diálogo que pudesse servir para alargar seus próprios horizontes conceituais sobre a formação do homem. Diante dessa incompatibilidade, Bollnow (1971) considera que aquilo que separa a Pedagogia da

⁶ Conforme Nicola Abbagnano “Formação” – Bildung – “no sentido específico que esta palavra assume em Filosofia e em Pedagogia, em relação com o termo alemão correspondente, indica o processo de educação ou civilização, que se expressa nas duas significações de cultura, entendida como educação e como sistema de valores simbólicos” (1998, p. 470).

⁷ “Vistas pelo prisma pedagógico, a formabilidade e a educabilidade não consistem essencialmente na possibilidade de criar aptidões materiais, mas na disposição para aprender, para escutar e para receber os valores [...] No sentido biológico, a formabilidade é a mutabilidade dos caracteres inatos pelo influxo dos outros, do próprio indivíduo e do meio social” (HENZ, 1970, p. 162-163).

Filosofia pode se constituir numa possível abertura para um fecundo debate que poderá servir para o surgimento de outras formas e categorias pedagógicas que ainda não tinham sido devidamente exploradas. À luz dessas acepções, considera-se importante examinar

[...] até onde a ideia dos processos descontínuos é também aplicável aos fenômenos da educação [...] Por outro lado, porém, devemos perguntar se realmente está decretada toda e qualquer renúncia à atuação educativa, pelo fato de a Filosofia da Existência constatar a impossibilidade de uma formação constante e duradoura para o núcleo mais íntimo do homem. Ou se não haveria aqui outras formas de atuação, formas condizentes com o caráter específico do existencial, às quais não podemos sem mais recusar o qualitativo educativo? (*Ibid*, p. 28-29).

Movido por estas inquietações, Bollnow chama a atenção para o caráter apelativo da Filosofia, tomando como exemplo a Filosofia de Karl Jaspers quando afirma que “nos devemos limitar a um simples interrogar e a um constante apelar para a experiência existencial” (BOLLNOW, 1946, p. 36). Para Bollnow,

o apelo à existência, que deve ser despertada no homem, é certamente um tema de implicação pedagógica extraordinária, de tal sorte que seria possível, a partir desse conceito “apelo”, estabelecer uma forma própria, especialmente existencial da Pedagogia (BOLLNOW, 1971, p. 29).

O apelo à existência, caracterizado por Jaspers, já traz em si um aspecto educativo, o ato de chamar a si mesmo para o que é fundamental à vida e à sua formação; uma convocação da própria consciência, livre do ser que clama por uma atitude de empenho, engajamento e comprometimento, diante da construção formativa de seu próprio projeto existencial. Nas palavras de Hubert Henz, este apelo pedagógico-existencial significa

[...] um chamado, um brado dirigido à consciência na liberdade e está acima da admoestação e do conselho. O apelo é o ato de despertar, praticado pelo educador sob a forma de uma intervenção na vida da criança que vive na distração, mas só se perfazendo pelo despertar do educando e pela libertação interior a ser efetivada pelo mesmo, onde o indivíduo é chamado a si (HENZ, 1970, p. 361-362).

É nesse sentido que a Filosofia da Existência pode contribuir para a Educação e para o fazer pedagógico, pois, em sua natureza, ela se revela como portadora desse chamado do ser a si, a certas realidades do homem, que, na prática, sempre estiveram presentes. Agora, apesar de não terem sido admitidas anteriormente pelas teorias pedagógicas tradicionais, essas realidades podem sim, contribuir para a ressignificação do modelo hermético do homem condicionado por sua formação. Na concepção de Bollnow,

os fenômenos até hoje tão negligenciados na teoria pedagógica como o apelo à consciência, exortação e repreensão, a evocação das possibilidades dormentes no homem – e muitos outros – adquirirão o caráter de verdadeiras categorias pedagógicas (BOLLNOW, 1971, p. 30).

O papel da Filosofia da Existência, em sua relação com o fazer educacional, é servir como estímulo para o alastramento e a ampliação da própria Pedagogia, a partir da análise dos processos instáveis e descontínuos da existência. Seu papel, ainda, é chamar a atenção de educandos e educadores para aquelas questões que são próprias da experiência humana; e, se forem consideradas devidamente, haverá de apontar para outras possibilidades de abordagens pedagógicas que poderão desencadear a revitalização do movimento próprio do fazer educacional.

Provocações do Pensamento Filosófico-pedagógico de Bollnow para o Ensino de Filosofia

Por pretender a construção de um homem solidário, fraterno e aberto para o outro, o diferente e o mundo, é que a educação pode ser pensada a partir do sujeito e de sua realidade. Pensar o ensino de Filosofia sob as influências da Filosofia da Existência e da Filosofia da Esperança é considerar a humanização do homem como possível, histórica e criativa, um processo dialógico de relação e intervenção, aberto ao novo e aos novos horizontes de sua existência. É pensar a educação como forma de ser e não apenas de fazer as coisas do mundo; é ousar fazer, reinventar, é abrir os olhos para a vida e, a vida, para novas experiências e saberes.

Pensar a educação/ensino de Filosofia na perspectiva da abordagem pedagógica de Otto Friedrich Bollnow é um convite à reflexão não somente das nossas práticas, mas também dos nossos conteúdos, interesses e ideais. A partir dessa análise, compreendemos que é importante destacar: primeiro, à problematização dos conteúdos, considerando que a pedagogia das respostas precisa ser substituída pela pedagogia das perguntas e dos questionamentos, ou seja, procurar não conceber a Filosofia apenas como um conteúdo formativo, mas também, como uma forma de Educação e formação interior que permite ao homem pensar e agir de modo livre e coerente; segundo, a necessidade de uma prática contextualizada, ou seja, que tenha como ponto de partida o ser humano na sua integralidade. Por último, propomos analisar os aspectos da Filosofia da Esperança que poderão ajudar na produção de um projeto político-pedagógico que não seja tecnicista, frio e indiferente às exigências do mundo; concebemos um projeto que sirva como fator norteador para o pensar e o fazer da escola, que seja, acima de tudo, humano e coerente com a realidade e tenha como princípio o respeito ao outro e, por finalidade, a emancipação do sujeito e a intervenção social.

Falar da relação entre Teoria Educacional e Filosofia num contexto de um mundo globalizado é muito mais do que pensar sobre ideias e conceitos; é pensar/refletir sobre o homem em todas as

suas dimensões e possibilidades. É pensar sobre a necessidade de sair das posturas tradicionais e herméticas da educação para uma prática que tem no diálogo com os outros, as outras e os demais, a base de uma proposta pedagógica que vai além das técnicas e das tecnologias. Uma teoria-prática, com conteúdo científico-filosófico que seja capaz de possibilitar ao homem, ao ser humano, seu viver social e histórico, transformando, assim, o mundo, a realidade e a si próprio como ser social e político.

Considerações Finais

A análise filosófico-pedagógica de Bollnow mantém abertas vias e possibilidades de pesquisas que merecem ser estudadas e desenvolvidas posteriormente. Estamos falando de possíveis abordagens aqui não apresentadas ou discutidas, em virtude da natureza e da incompletude, próprias de uma comunicação/trabalho de pesquisa. Deste modo, destacamos a amplitude e profundidade do pensamento e da produção acadêmica desse autor, que acenam para uma gama de temas, ideias, discussões e elaborações fecundas e promissoras dentro dos cenários acadêmico e educacional brasileiros.

Assim, entendemos que o estudo, a discussão e a visibilidade do pensamento pedagógico de Otto Friedrich Bollnow em relação à Filosofia da Existência e à Filosofia da Esperança constituem-se num caminho promissor para a criação de um cenário sócioeducativo de acolhimento à alteridade e de reconhecimento da sua existência, numa dimensão humanizadora, enquanto ser integral. A discussão e o mergulho nas ideias de Bollnow nos fazem lançar novos olhares para a educação e para o homem, como instâncias que transcendem as dimensões técnica, curricular e burocrática dos saberes, e nos convidam a olhar a vida e a formação humana, de educadores e educandos, a partir da própria existência do Ser, de modo confiante e esperançoso.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **Filosofia de la esperanza**. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1962.

_____. **Filosofia existencial**. São Paulo: Saraiva, 1946.

_____. **Pedagogia e Filosofia da Existência**: um ensaio sobre formas instáveis da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

HENZ, Hubert. **Manual de pedagogia sistemática**: pedagogia geral e diferencial e introdução aos métodos de pesquisa pedagógica. São Paulo: Herder, 1970.

QUADROS, Odone José de. Educação e filosofia da existência. *In*: ORO, Ari Pedro. **Filosofia da educação**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**: ensaio sobre a origem das línguas. v. 1. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

_____. **Emílio ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 36. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. São Paulo: Centauro, 2002.